

TAXA DE FORMAÇÃO DE EMPRESAS: UMA ANÁLISE ESPACIAL PARA O RIO GRANDE DO SUL

MENEZES, Gabrielito¹; CANEVER, Mário Duarte²

¹ Mestrando em Economia Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Organizações e Mercado PPGOM / UFPel. E-mail: gabrielito.menezes@ufpel.tche.br

² Prof. ^o PhD. Dept^o de Ciências Sociais Agrárias – FAEM / UFPel. E-mail: canever@ufpel.edu.br
Campus Universitário – Caixa Postal 354 – CEP 96.010-900.

1 INTRODUÇÃO

Empreendedorismo e desenvolvimento regional são fenômenos muito visíveis atualmente, tanto entre os formuladores de políticas públicas quanto entre pesquisadores. O empreendedorismo vem sendo estudado pelo fato de trazer benefícios para a eficiência econômica e seu crescimento. É reconhecido que os novos entrantes (empreendedores) estimulam a competição e a eficiência, e podem gerar e disseminar novas idéias (BRUNO, BYCTHKOVA, ESTRIN, 2008). Neste sentido, um novo negócio, ou seja, a formação de uma nova empresa é uma expressão importante da atividade empreendedora, a qual é tanto dependente da dinâmica regional quanto influenciadora dela (JOHNSON, 2004). Obviamente, em vista disto, fica evidenciada a clara relação entre empreendedorismo e desenvolvimento regional.

Embora a nível internacional haja relativamente muitos estudos que relacionam a formação de empresas com a questão espacial (REYNOLDS et al., 1994; JOHNSON, 2004; VAN STEL, 2005; ASHCROFT et al. 2007;), no caso brasileiro esta temática necessita ser ainda desenvolvida.

Este trabalho contribui para esta agenda de pesquisa, desenvolvendo uma definição conceitual e operacional da taxa de formação de novas empresas a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Definindo o empreendedorismo como a criação de novas organizações, neste trabalho demonstramos como estimar a taxa de formação de novas empresas além de objetivarmos responder duas perguntas de pesquisa: (1) se existem regimes espaciais ou *clusters* de taxas de formação de empresas nos municípios do Rio Grande do Sul; e (2) se há modificação intertemporal dos *clusters* da taxa de formação de empresas no período de 1996 a 2008 no estado?

Na sequência, apresenta-se os procedimentos metodológicos. Na seção 3 os resultados são descritos e discutidos, enquanto que na seção 4 são apresentadas as considerações finais.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para mensurar a taxa de formação de empresas foi utilizado o método da Taxa Ecológica (TE) de formação de empresas. Para o cálculo da TE a partir dos dados da RAIS foi necessário adaptar a metodologia proposta inicialmente por Johnson (2004) para o caso Inglês e posteriormente por Canever et al., (2009) para o caso brasileiro. A Taxa ecológica de formação de empresas (Eq. 1) expressa à relação de novos registros de empresas (nascimento de empresas) com o estoque de empresas no ano anterior ao do registro. Ela tanto pode ser calculada para todos os setores, como para setores específicos da economia regional.

$$TE = \frac{N^{\circ} \text{Empresas Criadas}_n}{N^{\circ} \text{Empresas Total}_{n-1}} \times 100 \quad (1)$$

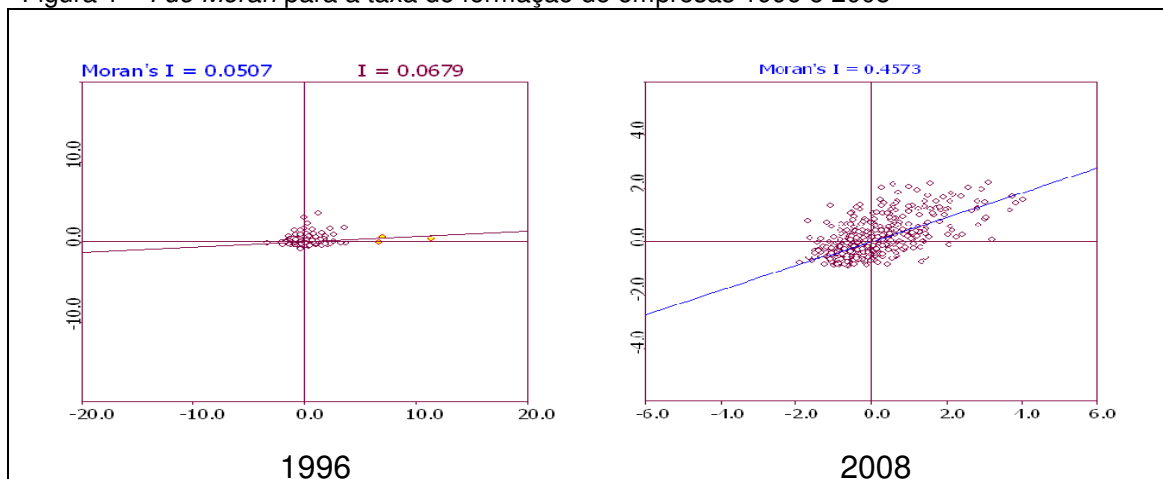
A *TE* é importante para analisar a extensão com que a base empresarial está se rejuvenescendo. Esse indicador é normalmente expresso em relação a 100 empresas já existentes. Como o objetivo deste trabalho não foi analisar o rejuvenescimento setorial, mas sim da base industrial local, a *TE* foi calculada a partir do número total de empresas por município.

Tendo por base a *TE* dos 497 municípios gaúchos, os regimes espaciais e sua dinâmica (objetivos 1 e 2) foram estimados através da Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE). O objetivo desta metodologia é apresentar a distribuição espacial, os *clusters* espaciais, verificar a presença de diferentes regimes espaciais ou outras formas de instabilidade espacial e identificar *outliers* (ALMEIDA et al, 2005). Foram calculados os índices globais e locais de autocorrelação espacial, tais como o *I de Moran*, *Moran Scatterplot* e *Local Indicator of Spatial Association* (LISA) mediante a construção de matrizes de pesos espaciais via o padrão Rainha com grau de vizinhança igual a um. Ou seja, são consideradas vizinhas todas as unidades que compartilham qualquer tipo de fronteira com a unidade analisada (para maiores detalhes sobre a AEDE ver Monastério e Ávila, 2004, Oliveira, 2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir são apresentados os gráficos *I de Moran* (Figura 1) para os municípios gaúchos em 1996 e 2008. Neles evidenciamos a correlação espacial da taxa de formação de empresas pelo método de cálculo apresentado na seção anterior. Os dados referem-se à taxa de formação de empresas anual das cidades e a média dessa variável das cidades vizinhas.

Figura 1 – *I de Moran* para a taxa de formação de empresas 1996 e 2008



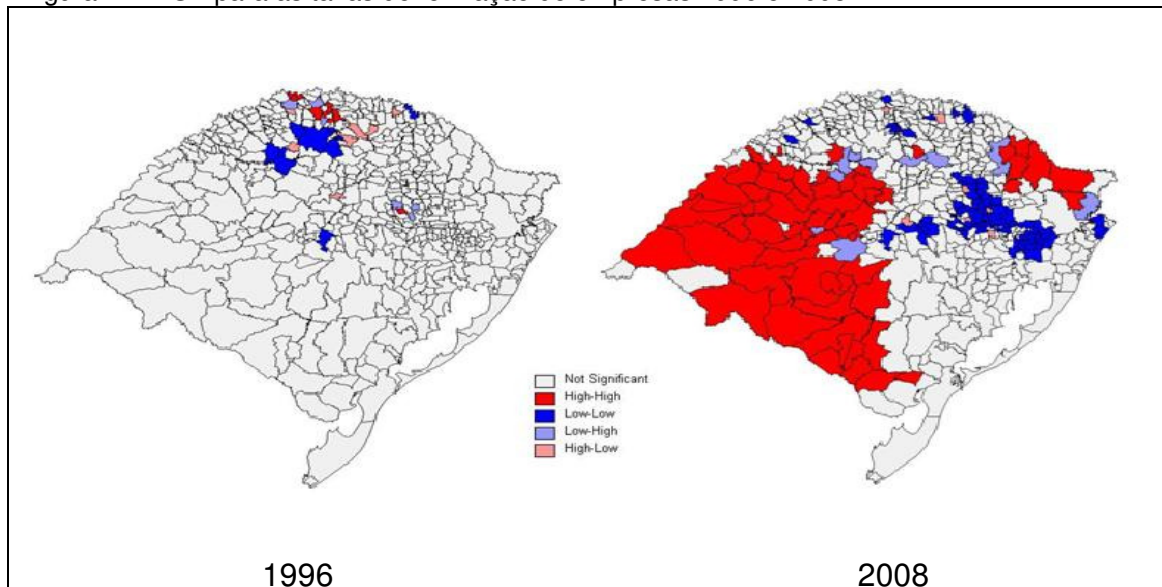
Fonte: Elaboração dos autores.

Apesar do Indicador *I de Moran* não permitir analisar onde estão localizados os *clusters* espaciais, o resultado obtido pela estatística mostra à magnitude da associação espacial. Quanto mais próximo de um for o valor calculado do *I de Moran*, mais intensa é a associação espacial observada.

Na Figura 1, os gráficos mostram que a relação espacial foi positiva, e estatisticamente significativa para 1996 e 2008. Desse modo, cidades com semelhantes taxas de formação de empresas tendem a estar espacialmente associadas nos cortes temporais. Cabe ressaltar que a magnitude da relação espacial aumenta entre 1996 e 2008, demonstrando que houve um aumento da importância da dimensão espacial em relação à taxa de formação de empresas nos municípios gaúchos. Assim, em 2008, os municípios com maiores taxas de formação de empresas tendem a estarem espacialmente próximos de municípios igualmente com maiores taxas do que a média estadual. Da mesma forma, municípios com menores taxas tendem a estarem espacialmente associados com municípios cuja taxa de formação de empresas é menor que a média estadual.

O próximo passo foi analisar a associação espacial entre regiões utilizando mapas de aglomeração (LISA), identificando as regiões que se destacaram em relação à taxa de formação de empresas. O mesmo nos fornece uma visão da distribuição espacial das variáveis. Nos mapas da Figura 2 estão representados os grupos estatisticamente significativos a um $p=0,05$.

Figura 2 – LISA para as taxas de formação de empresas 1996 e 2008



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme os mapas mostram, em 1996, existiam poucas concentrações de *clusters* espaciais para o RS. Ou seja, em 1996, a taxa de formação de empresas praticamente não apresentava dependência espacial e era pouco concentrada. Diferentemente de meados dos anos 90 quando os *clusters* eram pequenos e pouco visíveis, em 2008 há pelo menos dois grandes *clusters* caracterizados pela elevada taxa de formação de empresas. O primeiro está localizado na região da campanha gaúcha compreendendo uma faixa de municípios pertencentes às mesorregiões Sudoeste, Centro Ocidental e Nordeste Rio-grandense e um segundo, menor em extensão, no Norte do Estado, próximo da divisa de Santa Catarina. Demonstrando que estas áreas geográficas empreendem mais que o restante do estado. Já no outro extremo estão os municípios que além de apresentarem menor taxa de formação também estão cercados por municípios com baixas taxas de formação. Estes compõem um

cluster de municípios localizados na parte mais rica do estado pertencentes às mesoregiões Metropolitana de Porto Alegre e Centro Oriental Rio-grandense

Assim, podemos verificar com o auxílio dos mapas, uma mudança na dinâmica empresarial do RS. Regiões consideradas como menos dinâmicas, atualmente concentram os municípios com maior taxa de formação de empresas, enquanto que parte daquelas tidas como mais progressistas têm menor taxa de formação de empresas.

4 CONCLUSÕES

Este trabalho buscou calcular a taxa de formação de empresas relativa ao estoque de empresas já existentes. Também objetivou-se identificar como a taxa de formação de empresas variou de meados da década passada até os dias atuais no RS.

Os resultados evidenciaram que em 1996, existiam poucas concentrações de *clusters* espaciais para o estado gaúcho. No entanto, a magnitude da relação espacial aumentou muito de 1996 para 2008, indicando que houve uma ampliação da importância da dimensão espacial em relação à taxa de formação de empresas nos municípios gaúchos. A partir da variável taxa de formação de empresas, foi possível verificar o padrão de distribuição geográfica dos *clusters* no RS, de 1996 a 2008, e concluir que no estado está ocorrendo uma mudança na dinâmica empresarial. As regiões tradicionais (industrializadas) estão passando por um processo de diminuição da taxa de formação de empresas.

No entanto, os resultados desta pesquisa precisam ser aprofundados e revisitados com a utilização de métodos econométricos mais sofisticados para a real compreensão dos fenômenos que influenciam o empreendedorismo e sua relação com o desenvolvimento.

5 REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B.; PLOTNIKOVA, M.; RITCHIE, D. (2007). **New Firm Formation in British Counties: Comparing the 1990s with the 1980s**. Disponível em < <http://www.cppr.ac.uk/centres/cppr/publications/>> Acessado em: 08 de Fev. 2010.
- ALMEIDA, E. S.; PEROBELLI, F. S.; FERREIRA, P. G. C. **Existe convergência espacial da produtividade agrícola no Brasil?** CMEA/FEA/UFJF, Juiz de Fora, 2005.
- BRUNO, R. L.; BYTCHKOVA, M.; ESTRIN, S. **Institutional Determinants of New Firm Entry in Russia: A Cross Regional Analysis**, IZA Discussion Papers 3724, Institute for the Study of Labor (IZA), 2008.
- CANEVER, M. D. ; CARRARO, A. ; LAGEMANN, M. ; TATTO, F. R. Taxa de formação de empresas e regeneração econômica: O caso do Rio Grande do Sul. In: **47º CONGRESSO SOBER**, 2009, Porto Alegre. 47º Congresso SOBER, p. 1-13, 2009.
- MONASTERIO, L. M.; ÁVILA, R. P. de. Análise Espacial do Crescimento Econômico do Rio Grande do Sul (1939-2001). **Revista ANPEC**, Brasília, DF, v. 5, n. 2, p. 269-296, 2004.
- OLIVEIRA, C. A. de. Análise Espacial da Criminalidade no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia** (Curitiba), v. 34, p. 35-60, 2008.
- VAN STEL, A., J. **Entrepreneurship and Economic Growth: Some Empirical Studies**, Tinbergen Institute Research Series, Vol. 350, Amsterdam: Thela Thesis, 2005.